



Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

A DEMOCRACIA CONQUISTA-SE PELA LUTA

DIA a dia, os acontecimentos têm vindo a comprovar a análise da nossa situação política e a orientação do Partido Comunista expressa no documento do Bureau Político de outubro de 1945. Dia a dia, se comprova que o governo fascista não encaminha Portugal para a democracia. Como desde há anos o Partido Comunista advertia o povo português, Salazar, só para não ser atrelado ao carro da derrota de Hitler, que lhe ajudou quanto pôde na guerra, veio a vestir trajes democráticos. A vitória das Nações Unidas e as lutas do povo português obrigaram Salazar a um recuo. Mas as emendas democráticas e as eleições de novembro não passaram numa manobra política de grande estilo, tendo em vista aparentar perante o estrangeiro uma viragem democrática e dar uma satisfação illusória às aspirações do nosso povo.

O governo fascista pretendia uma oposição débil que se limitasse a mera legalidade de socorridos pelo fascismo e desenvolvesse a sua acção dentro das formas indicadas pelo governo. Assim contava alcançar os seus objectivos demagógicos, dividir as forças anti-fascistas e isolar o Partido Comunista. No discurso de 23 de fevereiro, Salazar acaba de pôr bem claro que permitiu palavras, mas não permitiu acções.

O GRANDE MOVIMENTO NACIONAL ANTI-FASCISTA

Contra os desejos dos fascistas, as forças democráticas uniram-se num amplo movimento de massas à escala nacional e, longe de aceitarem as condições fascistas para concorrerem às eleições, as forças democráticas lutaram firmemente, antes e depois das eleições-burlas do governo de Salazar, pelas liberdades fundamentais e por eleições livres. Em todo o país, entraram na arena da luta política centenas de milhares de portugueses. Desenvolveu-se um amplo movimento de massas que culminou nas jornadas de 31 de janeiro. O Partido Comunista, como partido nacional e primeira força política da oposição anti-fascista, longe de ficar isolado, mais fortaleceu a sua ligação com os outros anti-fascistas e as massas do nosso povo. E a unidade democrática foi tão surpreendente que até Salazar reconheceu com talva (discurso do dia 23) que se juntaram simpatizantes, velhos políticos que em tempos foram irreconciliáveis e irreconciliáveis.

Por outro lado, apesar de todas as flutuações da lei eleitoral fascista, apesar das ordens secretas para serem retirados os eleitores inerteiros ao MUD, o recenseamento do povo português, ajudado pelo MUD, estava a efectuar-se em grande escala e assim tornava-se impossível ao

futuro qualquer vitória eleitoral fascista à base deste recenseamento.

A VIOLÊNCIA FASCISTA CONTRA A OPOSIÇÃO DEMOCRÁTICA

Não era esta a oposição de que o fascismo tinha necessidade. Dai as medidas repressivas contra o MUD, o encerramen-

to das sedes e dos postos de recenseamento, a apreensão de documentos, as ameaças, as denúncias, as violências. Daí vir Salazar dizer no seu discurso que em nome do interesse nacional reprimirá os que defendem interesses partidários, o que (devidamente compreendido) significa que

(Continua na 4.ª página)

O GOVERNO RESPONDE ÀS RECLAMAÇÕES E PROTESTOS POPULARES COM

MAIS FOME! QUE O POVO SE LEVANTE!

O PÃO acaba de sofrer novo racionamento. Apesar de ter terminado a guerra, continua e é agravado o racionamento, a deficiente e irregular distribuição dos géneros alimentícios, ao mesmo tempo que o mercado negro, ajudado pelos grandes tubarões fascistas dos Grémios e Comissões Reguladoras, existe descaradamente por toda a parte.

Em ALPIRÇA, por exemplo, como o próprio «Século» noticiou em 19 de janeiro, os géneros dêsse mês não foram postos à venda, do mesmo modo que o subão e o azeite do mês de dezembro ainda não tinham chegado nessa altura àquela vila. No ALENTEJO, o toucinho, que é a base da alimentação dos trabalhadores desta região, vai ser racionado para 200 gramas, a banha para 100 gramas. POR TODA A PARTE a batata se vende a 4500 e mais. O azeite é só distribuído a 2 decilitros por pessoa. A carne subia para 28500 e os géneros do racionamento são deficiente.

Entretanto, OS GRÉMIOS ESTÃO A ABARROTAR DE GÊNEROS que são vendidos para o mercado negro com a protecção do fascismo. E assim, por todo o país, em todas as cidades, vilas e aldeias, se pode comprar as claras a 18500, a bacalhau e azeite a 16500, arroz a 9500 e 12500, massa a 15500 e 16500. Os Grémios e todos os organismos corporativos continuam a ser organismos de exploração das massas trabalhadoras e das classes médias. O governo encara NOVAS MEDIDAS DE PILHAGEM DO TRIGO E DO MILHO AOS PEQUENOS PRODUTORES, para o entregar aos grandes traficantes do mercado negro.

Ao mesmo tempo que o custo de vida continua a subir, que os géneros só se encontram no mercado negro, OS SALÁRIOS MANTÊM-SE OU DIMINUEM, como contrários colectivos que agravam a situação. Por toda a parte, os trabalhadores, em milhares de movimentos, como ultimamente na greve dos operários da Covilhã, têm lutado por melhores salários e exigido uma justa e regular distribuição de géneros.

Na própria Assembleia Nacional o deputado Belchior Cardoso se fez eco dos protestos populares, chamando a atenção para a necessidade de revisão das bases do racionamento de géneros, e outros deputados para o excessivo preço da batata.

AS RECLAMAÇÕES E PROTESTOS POPULARES, O GOVERNO RESPONDE COM MAIS FOME, COM O NOVO RACIONAMENTO DO PÃO.

PEQUENOS PRODUTORES! Todos vós estais interessados na defesa do vosso trigo e do vosso milho! Todos vós estais interessados na defesa das vossas colheitas, na defesa do vosso pão e do pão dos vossos filhos. Salazar prepara-se para vos fazer um assalto.

Deveis juntar-vos e lutar unites pela defesa das vossas colheitas, pela defesa do vosso pão.

Se Salazar tentar levar o vosso trigo e o vosso milho, deveis formar grupos que defendam, dia e noite, nas vilas e aldeias, o vosso trigo e o vosso milho.

Justa vai e formai COMISSÕES compostas de homens sérios e prestidigitados que lutem pela defesa das vossas colheitas, pelo mercado livre, contra a política de fome do governo de Salazar.

TRABALHADORES DE PORTUGAL! HOMENS E MULHERES! Só pela luta

(Continua na 2.ª página)

O povo de Esposende luta pelo pão

Na vila de Esposende, o racionalismo do pão não aparece. Os seus habitantes, convencidos de que só pela luta conseguiriam melhorar a sua situação, fizeram uma recolha de assinaturas para protestar contra a falta de pão. As listas das assinaturas foram entregues na Câmara Municipal. O governador civil, vendo no novo de Esposende a decisão de lutar até ser satisfeita a sua reivindicação, achou preferível tomar providências e hoje já há pão.

Na vila de **Fão**, situada a 3 kms. de Esposende, a falta de pão faz-se sentir há bastante tempo e os seus habitantes estavam já decididos a lutar. As autoridades, em face do que se passava em Esposende, apressaram-se a tomar medidas e o pão apareceu.

Mas, desde o dia 1.º de fevereiro, o pão tornou a faltar em todo o concelho de Esposende, e os moageiros informaram muitos povoados de que faltaria «dunde por onde» 20 dias.

No dia 4, cerca de 100 homens e mulheres da freguesia da Marinha foram no grande exor a sua situação. Ao povo desta freguesia juntou-se o de Esposende, Vila Chã, Fão, etc. **Mais de 1.000 pessoas**, vendo que as suas reclamações não eram tomadas em consideração pela direção do grão, começaram nos gritos de «Morra o presidente do grão!» e «Morra o Pereira Lima», que se deslocou com o nosso milho — «Malta os grãos!», etc. A direção do grão se viu obrigado a fazer uma reunião sob as portas do grão e reuniu a GNR

local. O presidente sou do grão acompanhado de guarda mas isso não impediu que chegasse a casa todo roto, pois no caminho o povo rasgou-o, **apoiado pelos guardas**, que diziam: «Tira-lhe os calças!». «Nós também não temos pão!».

No dia seguinte chegou a GNR de Braga com metralhadoras, que andou por todas as freguesias do concelho para amedrontar o povo. Mas o povo não se amedrontou e continuou reclamando pão. A GNR prendeu 3 mulheres, uma das quais foi processada por ter gritado «Morra o Pereira Lima!» e «Malta os grãos!».

O presidente, logo no dia 5, publicou um «Estatuto» pretendendo mostrar que as responsabilidades pela falta do milho não pertenciam ao grão. Diz nesse «Estatuto» que já não há milho nacional para venda. Ora o povo sabe que a atual falta do Pereira Lima tem em tamanho 1200 tons de milho, que Manuel Pereira de S. Cláudio, concelho de Esposende, tem 2.000 tons de milho, que há outros mais ricos do mesmo género.

Valente povo de Esposende! Continuai a lutar pelo pão! Não vos deixais matar à fome pelo fascismo. Organizei **marchas da fome** com bandeiras negras, as bandeiras da fome, e enfiar as frases «**Queremos pão!**», «**Queremos generosidade!**», «**Abate os grãos!**». **Exigir que o milho seja distribuído.** Se as autoridades não fazem isto, **buscá-lo onde se encontra armazenado para vender no mercado negro, e distribuí-lo pelo povo.**

OS CAMPENESES

CONTRA OS EXPLORADORES FASCISTAS

CONTRA a desenfreada exploração dos pequenos fazendeiros, os trabalhadores rurais continuam lutando heroicamente.

Nova **localidade das erradicas de Évora** os trabalhadores rurais organizaram **concentrações massivas**. Em 24 de fevereiro, no dia da Casca da Pão, aproximadamente 4000 camponeses exigiram aumento de salários — 2000 para os homens e 1500 para as mulheres, e os salários atuais são de 1400 para os homens e 600 para as mulheres.

A direção da Casa do Povo continuou para o telejogo do IPT que convocou todas as direções das Casas do Povo da região para uma reunião, para se unirem do assunto.

Os grandes açúcares fascistas não queriam e a luta continua.

Do **VAL DE FICHERIA**, nos últimos dias de novembro, os princípios de dezembro, e posteriormente, 60 trabalhadores desempregados juntaram-se e foram junto do regedor exigir providências. Para tal lutar com os lavradores da terra, e os trabalhadores desempregados foram distribuídos em grupos por cada lavrador, seguindo assim por algum tempo recolheu esta questão.

Em **ALPARÇA** e **VALE DE CAVALOS** em virtude da falta de grãos, assim como da falta de continuidade vem aumentando a distribuição dos pães que se tornou. Formou-se uma comissão de homens e de mulheres para fazer junto das autoridades lutar esta questão.

Em **BOA DA RIBEIRA**, os camponeses juntaram-se na praça e reivindicam exigir aumento dos salários. No dia em que

recolheram a pedir esse aumento, revelaram que alguns fariam trabalhar com o objetivo de os tirar lá buscar, para demonstrar aos patrões a sua força e disposição. Assim aconteceu. Antes de irem pedir aumento, foram ao trabalho buscar os outros, tendo conseguido um aumento de 1000, 2000 e até 3000 por dia.

Camponeses! é necessário que em toda a terra, portugueses os trabalhadores lutem por mais pão e grãos e mais salários. Que em todas as vilas e aldeias, os homens e mulheres se concentrem nas Casas do Povo e apresentem as suas reivindicações. Que se comecem nas Casas Comissões de camponeses e camponesas que, junto das autoridades, exijam a satisfação das suas reivindicações. Que ninguém aceite os salários de fome.

Exatíssimos lutem nas Casas do Povo. Se assim não defenderdes os interesses, interesses da Casa do Povo, devem tornar-se do Povo.

MAIS FOME!

nas aldeias salvar da miséria e da fome que salta na sua garganta. Por toda a parte, nas aldeias, vilas e aldeias, forma COMISSÕES de homens e mulheres, que, apoiadas por todos os trabalhadores, vão às autoridades e patrões exigir mais pão e mais grãos.

Organizada em toda a parte, nas aldeias e nas aldeias, **MARCHAS DA FOME** exigindo o imediato fornecimento de pão e de grãos. Desfilando com as bandeiras das grandes fomes de 8 e 9 de maio de 1914, quando os camponeses lutaram contra a fome. Tons fomes, «Queremos pão!», «Queremos grãos!». **Formar COMISSÕES POPULARES DE FISCALIZAÇÃO DO ABASTECIMENTO.**

Que em todos os pontos de Portugal o povo se levante, contra a política de fome do governo fascista de Salazar.

O VOTO ÀS MULHERES

concedido pelos fascistas

não é uma medida democrática

A lei eleitoral em vigor não é uma lei democrática. Não dá o voto aos analfabetos, impede que votem os que professam ideias contrárias à disciplina social, e que é um pretexto para corar dos internos eleitorais milhares de votos em oposição. Entrega a elaboração dos cadernos eleitorais a fascistas de todas as freguesias. Mesmo assim, e apesar de a questão estar completamente impossibilitada de facilitar o reconhecimento e exercer uma actividade política, o governo teve medo do racismo. Por iniciativa do MUD abriam-se muitos postos de reconhecimento e outros mais estavam a abrir-se. Acreditam milhares de democratas para lhes ser facilitado o reconhecimento. O governo fascista, inimigo do povo, mandou encerrar os postos de reconhecimento e apertar muitos reforços de eleições. Destacando, no momento, um grupo, contra a lei eleitoral, mostrou o seu modo de manifestação da vontade popular.

Mas já não basta e, ainda por o fascismo estar tranquilo, dando que nos eleições de novembro, pouco mais de 20 por cento dos votos de 20 por cento dos eleitores, inseridos num reconhecimento em que, sem inscrever a grande massa democrática do país. E daí os fascistas, continuando demagogicamente a apresentarem-se como «democratas», vieram conceder o voto às mulheres, conforme proposta apresentada na Assembleia Nacional.

Quem se fascista quer o voto a todas as mulheres portuguesas? Não. Os fascistas querem dar o voto às mulheres das classes dominantes, mas negam o direito de voto a todas as mulheres portuguesas. **Jora das mulheres portuguesas, as mulheres portuguesas que não sabem ler e escrever.** Isto mostra todo o espírito anti-democrático das medidas pseudo-democráticas do governo fascista. O governo fascista tem medo de reconhecer a vontade da vontade popular, tem medo de voto da mulher portuguesa.

Não desconfiamos o voto das mulheres portuguesas, mas de todas as mulheres portuguesas. Não fomos as mulheres, as mulheres portuguesas, que querem fazer ninguém a exploração e as dificuldades da vida, a miséria e a ruína causadas pela política fascista. **Se vós, mulheres, votardes em massa contra o governo de Salazar.**

À LEGIÃO

MILÍCIA FASCISTA DE TIPO HITLERIANO. DEVE SER DISSOLVIDA

(Continuação da 1.ª página)

nas aldeias salvar da miséria e da fome que salta na sua garganta. Por toda a parte, nas aldeias, vilas e aldeias, forma COMISSÕES de homens e mulheres, que, apoiadas por todos os trabalhadores, vão às autoridades e patrões exigir mais pão e mais grãos.

Organizada em toda a parte, nas aldeias e nas aldeias, **MARCHAS DA FOME** exigindo o imediato fornecimento de pão e de grãos. Desfilando com as bandeiras das grandes fomes de 8 e 9 de maio de 1914, quando os camponeses lutaram contra a fome. Tons fomes, «Queremos pão!», «Queremos grãos!». **Formar COMISSÕES POPULARES DE FISCALIZAÇÃO DO ABASTECIMENTO.**

Que em todos os pontos de Portugal o povo se levante, contra a política de fome do governo fascista de Salazar.

EM 31 DE JANEIRO a Nação manifestou-se contra o governo fascista

NO DIA 31 de Janeiro, comemorativo da queda da República da República, centenas de milhares de portugueses manifestaram-se contra o governo fascista e pelas liberdades democráticas. Em Lisboa e Porto, apesar de todo o aparato policial, tiveram lugar grandes manifestações.

Em Lisboa, mais de 10.000 pessoas desfilaram perante o monumento a Antão José de Almeida. Tendo um exemplo de disciplina e organização, os manifestantes concentraram-se em lugares determinados anteriormente e, apesar de todas as tentativas feitas por numerosas forças da Polícia e do GNR para dispersarem as concentrações, fizeram um gigantesco desfile, cantando o hino nacional e dando vivas à Liberdade e à Democracia. As classes trabalhadoras reuniram-se. As delegações de trabalhadores dos Construtores Naveis, Caristas, Tabacais e Cordeiros destacavam-se, tendo algumas para cima de 4.000 trabalhadores. Uma por uma as Comissões do MTD deslocavam forças na base do monumento. Logo depois da manifestação, o governo de Salazar, certo de não se dar conta da importância das forças com ideias e vontade maior centradas em carregar da Câmara, após o desfile feito no monumento, as forças repressivas empregarão a violência para fazer dispersar. Realistando, um grande cortejo, dando vivas à Liberdade, à Democracia e ao povo livre, e cantando a Portuguesa, rapidamente se foi para o Estádio Nacional onde foi desfilado por cerca de 10.000 homens de armas, marinheiros, etc. Outro grande cortejo, de muitos milhares de pessoas, desceu a Avenida Amiralante Silva e a Ponte 25 de Abril no centro da Baixa conseguiu dispersar.

No Porto, duas mil, a PVDE mobilizou a sede do MTD e arrebentou um alto-falante da Juntas de 31 de Janeiro. O presidente e membros fiéis de muitos clubes, as autoridades fascistas e em especial, o comandante da PSP, proibiram a manifestação. No dia 31, pela manhã, as fascistas fizeram uma manifestação no centro para dividir e desorientar, o que redundou num estorcedor fracasso. Apesar de tudo, a manifestação democrática foi grandiosa. A tarde, uma grande parte da comitiva foi feita em portos. São a direcção do MTD fez uma grande concentração no cemitério onde repousam heróis do 31 de Janeiro. Posteriormente, milhares e milhares de antifascistas desfilaram pelas ruas da cidade, exibindo Liberdade, Democracia e Eleições Livres.

Noutros pontos do país, também se realizaram importantes manifestações, sempre confiantes.

O 31 de Janeiro constituiu uma importante jornada de luta anti-fascista para repulsa a qual o fascismo foi impotente. A jornada do 31 de Janeiro marcou mais um grande passo no caminho para o derrocamento do fascismo. Uma vez se acumularam claramente que a nação está contra o governo fascista de Salazar e decide a Democracia. Desde as grandes manifestações do Dia da Vitória em 1, 8 e 9 de maio de 1945, o povo português esteve a caminho do caminho da luta política. A luta por Eleições Livres, durante a existência do fascismo, deu origem a comissões, assembleias, em massa, e sessões de reuniões e assembleias, o desvio ou movimento para o MTD, concentraram um verdadeiro protesto na total e contra o fascismo salazarista e pela defesa dos interesses nacionais e pro-

prios. A jornada do 31 de Janeiro conserva o seu significado. Como no Dia da Vitória, é o novo pontapé para contra o hiato nacional e empunha a bandeira nacional, e são os fascistas que carregam sobre os que cantam a Portuguesa e arrancam as bandeiras nacionais das mãos dos manifestantes. Nisto, como em tudo, se revela o

carácter nacional e patriótico da luta anti-fascista e o carácter anti-nacional da acção do governo de Salazar. A jornada do 31 de Janeiro é mais uma clara indicação da Unidade dos democratas portugueses, de todas as Ideologias e classes, e da sua força poderosa. É uma indicação do caminho justo para a conquista da Democracia.

Avante, POR ELEIÇÕES NOS SINDICATOS!

PROIBINDO AS ELEIÇÕES nos Sindicatos Nacionais pelo decreto de 28 de dezembro, o governo pôs totalmente a descoberto o seu recelo do povo e a sua política anti-democrática. O governo teme o voto das classes trabalhadoras, porque as condições de exploração dos patrões fascistas e a fome provocada pela rapina dos Grãos, Preferências e Comissões Reguladoras.

Nem rondando em 1941 os estudantes livres das classes trabalhadoras (que se levantaram heroicamente em 18 de janeiro) nem elaborando os estatutos dos sindicatos e limitando extraordinariamente a actividade sindical, o governo fascista se sente seguro. O governo viu que, nestes últimos anos, as classes trabalhadoras, guiadas pelo Partido Comunista, compreenderam que, apesar de todas as limitações fascistas, havia que utilizar os Sindicatos Nacionais e transformá-los de organismos defensores dos interesses do patronato reaccionário, em organismos de defesa dos interesses dos trabalhadores. Nos últimos anos, os trabalhadores portugueses começaram a utilizar os Sindicatos Nacionais, fizeram pressões sobre as Direcções, fazendo reuniões-assebladas, promovendo reuniões e assembleias nos sindicatos, e elegendo directores da sua confiança. Nas eleições sindicais de 1945, contra todas as violências e falsificações dos fascistas, os trabalhadores portugueses esboçaram os sindicatos dezenas de direcções fascistas e elegeram dezenas de directores de homens-honrados. Dadas as experiências de 1945 e a maior consciência das massas trabalhadoras, ganha nas lutas políticas nestes últimos meses, o governo temia que, nas eleições de 1946, os trabalhadores alcançassem vitórias maiores.

O decreto anti-democrático do governo fascista encontrou imediata resposta dos trabalhadores portugueses e levantou protestos das forças democráticas nacionais. Em alguns sindicatos, como nos conservadores e católicos do Algarve, em secções da construção civil do distrito de Évora e nos desmoralizadores do porto de Lisboa, os trabalhadores, reagindo contra o decreto fascista, promoveram e realizaram recentemente eleições das direcções. Noutros sindicatos, fazem protestos, como os gráficos de Tomar, e lutam pela realização de assembleias gerais extraordinárias.

E nestas situações, os trabalhadores não se deixam levar por algumas opiniões a ideia da formação de sindicatos legais (unifascistas). Esta reviravolta de processos de luta que a experiência mostrou serem ineficazes, só pode contribuir, no momento presente, para atenuar os trabalhadores do caminho justo. Em alguns sectores, homens mal intencionados espalham que a formação destes sindicatos legais é fomentada pelo Partido Comunista, isto é totalmente falso. A luta sindical deve exercer-se, não em grupos fechados e isolados das massas, mas nos Sindicatos Nacionais. Ali se pode e se deve lutar pela defesa dos interesses dos trabalhadores. Nestes últimos anos, há milhares de exemplos de como os trabalhadores conseguiram, por meio de Comissões, concentrações, reuniões, eleições, sindicatos, de lutar os seus interesses por intermédio da luta nos Sindicatos Nacionais. O Partido Comunista tem orientado as classes trabalhadoras para a luta nos Sindicatos Nacionais, para avançar os estudantes nos fascistas e levar as direcções homens honrados da confiança da sua classe. A luta deve prosseguir com a mesma orientação, cuja justiça foi comprovada em centenas de lutas vitórias.

Para a defesa dos interesses imediatos dos trabalhadores, há que continuar formando Comissões que vão nos sindicatos e ao IXT, há que continuar a fazer concentrações nos sindicatos e reclamações junto das direcções, há que e a lutar lutando pelas Eleições Sindicais em 1946.

Que em todos os locais de trabalho se formem Comissões que vão aos Sindicatos Nacionais, IXT, jornais e autoridades, protestar contra o decreto de 28 de dezembro. Que ao abrigo dos estatutos, os trabalhadores anquelem listas de assinaturas para convocar Assembleias Gerais Extraordinárias. Que estas Assembleias se aprovechem moções de protesto contra o decreto de 28 de dezembro de 1945 e se exijam eleições, que se dê um voto de confiança às Direcções honradas continuando a sua eleição em 1945 e se aprovechem votos da desconfiança se as Direcções são fascistas, excluindo a sua eleição. A vontade dos trabalhadores deve ser respectiva dentro dos seus sindicatos.

Trabalhadores! Trabalhadores! Avante!

POR ELEIÇÕES SINDICAIS EM 1946!

INTENSIFIQUEMOS EM TODA A PARTE
A LUTA PELA PAZ
A LUTA POR MELHORES SALÁRIOS
A LUTA PELA LIBERDADE.

FORMEMOS EM TODA A PARTE
COMISSÕES DE UNIDADE

PARA DEFESA DOS INTERESSES DO POVO PORTUGUÊS



A Democracia conquista-se pela luta

(Continuação da 1ª página)

Salazar, para defesa dos seus interesses partidários, repulsa os democratas que verdadeiramente defendem os interesses nacionais.

Salazar afirmou-se «democrata orgânico» para inglês ver. Mas a própria «democracia orgânica» põe em perigo a sua existência porque os sentimentos anti-fascistas do povo português são tão fortes que Salazar não poderá segurar-se no poder se o povo gozar de liberdade. Por isso agora vem contrariar no seu discurso que deve haver na autoridade NECESSÁRIA e a liberdade POSSÍVEL. Isto é: haverá violência, e polícia «metralhadoras, e arbitrariedades, e assassinatos, NECESSÁRIOS para impedir a manifestação da vontade do povo. E liberdades magnas e condicionadas que não possam em perigo a existência do poder fascista de Salazar e do seu partido. Pela pressão do povo português e pela situação internacional criada pela guerra, o fascismo não pode deixar de conceder ao povo algumas possibilidades de defesa legal dos seus direitos. O governo continua necessitando uma «oposição legal» e está interessado em que «adversários políticos, opositores e desligados das massas, sejam como uma oposição. Mas! uma oposição que não seja com metralhadoras apontadas ao peito.

SALAZAR DESEJA

UMA OPÇÃO INOFENSIVA

A autorização da reunião dos socialistas em Lisboa, ainda que haja entre os socialistas muitos anti-fascistas sinceros, foi uma medida do governo feita com essa finalidade. Os socialistas, sem o saberem, favoreceram a política fascista, como a favorecerão todos os grupos políticos que, isolados, aceitem uma legalidade-coleite-fórmica em que não podem efectivamente ter uma actividade política anti-fascista. Os socialistas sinceros, nossos companheiros de luta, não devem esquecer que o fascismo está interessado em partidos inofensivos legais. A existência de tais partidos permite-lhe uma acção diplomática perante o estrangeiro e uma acção de divisão dos anti-fascistas portugueses.

O FASCISMO

CONTINUA A SER FASCISMO

Não há erro mais grave que acreditar-se que o fascismo salazarista deixou de ser fascismo. Ao mesmo tempo que leva a cabo uma vastíssima demagogia, o governo continua exercendo a política de medo pelos grêmios e outros organismos cooperativos, decreta novo corte na razão do pão, ao mesmo tempo que ague a fúria para Espanha, reforça o apagelho repressivo. «Somos a força e temos a força», ameaça o Ministro do Interior, o nazi

Betelê Moliz. E, entretanto, reforça-se a censura salazarista, a acção da PVDF, proíbem-se eleições dos sindicatos, promovem-se oficiais nazis como o coronel Ferreira Passos que esteve na frente Leste a convite do governo alemão, entregam-se a direcção da «Moidade Portuguesa» ao nazi Pinto Coelho que estudou na Itália fascista a organização fascista da juventude. O fascismo de Salazar continua a ser fascismo e, recusando-se a ouvir a vontade do povo, Salazar encaminha Portugal para a guerra civil.

DOIS PERIGOS

NA ORIENTAÇÃO DEMOCRÁTICA

Acreditar-se numa sincera viragem democrática do governo, conduz a uma concepção legalista, à ideia de se aceitar condições limitadas às condições limitadas de acção política que o governo concede, conduz ao medo ao povo e às massas, à acção de dirigentes desligados das massas, à substituição da força popular. Isso conduz também à concepção de que já se pode falar livremente, o que leva a palavras que justificam a acção fascista contra as organizações legais. Isso conduz finalmente ao enfraquecimento da actividade clandestina que continua sendo o motor da luta anti-fascista.

Mas não é menos perigoso fecharem-se os olhos às possibilidades de luta legal que o governo se vê forçado a ceder. Isso conduz à fraca mobilização do povo português e ao rance-rance na actividade das organizações anti-fascistas. Isso conduz ainda à «solução» do golpe militar, o que desvia a acção de um caminho justo para derrubar Salazar (a luta) e pode conduzir alguns anti-fascistas isolados a um gravíssimo fracasso.

AÇÃO LEGAL

E ACÇÃO CLANDESTINA

A nossa tarefa, a tarefa de todos os anti-fascistas, é utilizar todas as possibilidades legais existentes para mobilizar toda a nação na luta contra o fascismo, é lutar para criar novas possibilidades legais. As medidas de legalização do MUD são mais um atentado contra os direitos do povo português e uma medida para

APESAR DE TODAS AS PROMESSAS E DEMAGOGIAS

O CAMPO DO TARRAFAL CONTINUA

E lá continuam condenados à morte lenta muitos portugueses honrados.

EXIGI

A EXATINÇÃO IMEDIATA DO TARRAFAL

impedir o reconhecimento eleitoral, para aniquilar a actividade da oposição anti-fascista e para desmair. A defesa da legalidade do MUD é um imperativo para todos os anti-fascistas. Impõe-se continuar abertamente a actividade do MUD, a formação de novas Comissões de Unidade Democrática, a edição legal de documentos do MUD. E, ao mesmo tempo, fortalecer a organização e acção da unidade nacional anti-fascista, criando novos Comités de Unidade Nacional (legais) e correndo flichas em volta do Conselho Nacional.

UNIDADE INEFECTIVA E LUTA CONSTANTE

Todos os anti-fascistas devem compreender que o seu maior trunfo é a sua UNIDADE. Para a vitória da Democracia em Portugal é indispensável que se mobilize, alargue e fortaleça ainda mais esta unidade, criada através de anos de luta e extraordinariamente solidificada nas lutas políticas dos últimos meses. Nenhuma força política deve aceitar condições de legalidade que se a si sejam conforáveis pelo governo de Salazar. Nenhuma força anti-fascista se deve lancar em qualquer acção isolada, visando o derrubamento do governo de Salazar, o que só pode levar à derrota. Todos unidos, devemos continuar trabalhando, tanto numa forma legal como na clandestinidade, para levar a cabo lutas económicas e lutas políticas, pequenas e grandes lutas, todas as formas de luta contra a política de fome e terror do governo fascista de Salazar.

Como se vê, com esta o Partido Comunista prevê a derrota do fascismo. O fascista salazarista não está como os frutos maduros. Não caiu no dia da derrota de Hitler, como não caiu no dia da vitória trabalhista. O fascismo entretinha-se, no poder, continua desencadeando a repressão violenta, as vinganças e arbitrariedades. O fascismo opõe-se pela força a que o povo português encaminhe Portugal pelo caminho da Democracia e da convicção internacional. Só a mobilização de todas as camadas da população, para as mais variadas formas de luta, só o levantamento em massa da Nação, poderá varrer o fascismo do poder. E na força do povo, na força das massas, que os agrupamentos políticos anti-fascistas se têm de apoiar para defender e alargar as massas com o povo português, para conseguir eleições livres em Portugal, para a força do povo que temos de nos apoiar para vencer as resistências e as violências fascistas.

A UNIDADE INEFECTIVA E A LUTA CONSTANTE — é o caminho para a vitória sobre o fascismo salazarista.

NÓS, OS CATÓLICOS E O VATICANO

Os católicos de todo o mundo estão reunidos no Vaticano. Este acontecimento tem um alicerce político de primeira grandeza. O Vaticano e a Igreja Católica estão encabeçando a luta reacção na Europa. Unindo das eleições francesas, o Papa fez um apelo às mulheres francesas para votar na reacção. Quando das eleições presidenciais em Portugal, o cardeal Cereja fez um apelo para que os católicos votassem em Salazar. A cobertura dada pela Igreja catolicamente democrática do Movimento ataca a grande União Soviética, ataca as jovens democracias da Europa Ocidental da Europa, acusando-

as de regimes totalitários. E, ao mesmo tempo, louva os regimes fascistas de Salazar e de Franco como regimes «democráticos». O diabo faz-se anjo e fala contra o diabo. A reunião dos cardeais no Vaticano tem em vista a unidade da política reacção em todo o mundo. A Igreja Católica visa a transformação numa International «Negra», fomentando e organizando a luta internacional contra os povos livres. O Vaticano torna-se assim o animador da «revanche fascista».

Apesar de toda a acção reacção do Vaticano e das esferas dirigentes da Igreja Católica em quase todo o mundo, nós, co-

munistas, continuamos entendendo realmente a mão aos trabalhadores católicos — como todos os trabalhadores, vítimas da exploração e opressão fascistas — e a todos os católicos democratas, sacerdotes ou praticantes, a quem a sua fé religiosa se harmoniza com o nosso sentido de povo e de seu País. A todos fazemos um apelo para que participem a nosso lado nas lutas pelo pão, pela liberdade, pela democracia, pela independência. O que nos separa não é comparado com o que nos une: o desejo de bem estar do povo trabalhador, o desejo de liberdade e de fraternidade humana.